



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



A INFLUÊNCIA DOS DISCURSOS MIDIÁTICOS NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO LÍDER

*Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico:
são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas;
passando um tempo, o efeito do veneno se faz notar.*

Victor Klemperer, LTI

Luciana Gomes da Silva (NEAD/PG-UEMS)
Marlon Leal Rodrigues (NEAD/UEMS)

Resumo: Em março de 2009, o recém-eleito presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, acusou o então líder venezuelano, Hugo Chávez, de exportar terrorismo para o resto do mundo e apoiar as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). Na mesma semana, o ex-governante utilizou o programa *Fala, Presidente!*, transmitido em toda Venezuela, para se defender. Em poucos minutos o enunciado *Hugo Chávez chama Obama de pobre ignorante*, proferido por Chávez durante um discurso, repercutia na imprensa mundial. Desta forma, o presente artigo tem como objetivo analisar este enunciado e investigar de que forma o discurso midiático interfere no discurso do líder político, e se os veículos de comunicação têm poder de influência sob sua liderança. O trabalho fundamenta-se nas teorias da Análise do Discurso de linha francesa, assim busca-se compreender de que forma a mídia influencia o público acerca da popularidade de um líder e como a notícia afeta sua liderança, além disso, pretende-se investigar como a imprensa utiliza determinadas informações ou escolhem, especificamente, alguns personagens para sustentar seus próprios discursos e, assim, propagar suas ideologias. Tendo em vista que, socialmente, a acusação de apoio ao terrorismo pode causar um efeito de sentido maior que qualificar determinado indivíduo de pobre ignorante, mesmo um presidente.

Palavras-chave: Discurso Político; Discurso Midiático; Chavismo; Mídia.

Introdução

Durante o programa *Fala, Presidente!*, transmitido na Venezuela, do dia 22 de março de 2009, o então líder do país, Hugo Chávez, rebateu as críticas do recém-eleito presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, de que exportava terrorismo para o resto do mundo e apoiava as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia

(FARC). Em um dos trechos do longo discurso, o ex-governante usa a expressão “pobre ignorante” para se referir a Obama e dizer que estava equivocado e, até mesmo, desinformado acerca do cenário geopolítico internacional. Em poucos minutos o enunciado *Hugo Chávez chama Obama de pobre ignorante*, repercute na imprensa mundial.

Desenvolvido com base na teoria da Análise do Discurso de Linha Francesa, este artigo apoia-se nos conceitos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi para analisar as construções ideológicas presentes no enunciado e como exerce influência no público. Pois, ao editar vídeos, imagens e textos os veículos de comunicação podem alterar o sentido de determinado enunciado atribuindo-lhe efeito de sentido distinto do encontrado no discurso original. Isso pode ser intencional ou não, porém pode ter consequências para o personagem da matéria. No caso de um líder político, a notícia pode afetar sua popularidade negativamente ou positivamente.

Desta forma, o presente artigo tem como objetivo analisar o enunciado *Hugo Chávez chama Obama de pobre ignorante* e de que forma o discurso midiático interfere no discurso do líder político, e se os veículos de comunicação têm poder de influência sob sua liderança. Além disso, pretende-se investigar como a imprensa utiliza determinadas informações ou escolhem, especificamente, alguns personagens para sustentar seus próprios discursos e, assim, propagar suas ideologias. Tendo em vista que, socialmente, a acusação de apoio ao terrorismo pode causar um efeito de sentido maior que qualificar determinado indivíduo de “pobre ignorante”, mesmo um presidente.

O discurso e a construção do líder

O discurso é o instrumento da prática política (PÊCHEUX, 2010, p. 24). Em outras palavras “o político está em quaisquer discursos”¹. Segundo Pêcheux, o discurso não se trata apenas da mera transmissão de conhecimento; até porque as palavras já chegam para os sujeitos carregadas de significados. Sendo assim, o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 2013, p. 20).

¹ Eni Orlandi fala sobre análise do discurso e linguagem em entrevista no Globo Universidade.

Desta forma, a figura do líder se constrói e se manifesta no discurso, cuja etimologia da palavra remete a curso, percurso, movimento. Assim, o discurso é a palavra em movimento, prática da linguagem (ORLANDI, 2013, p. 15).

No caso da linguagem política, sempre tem como objetivo final acarretar um certo tipo de comportamento da parte daquele a quem se está dirigindo (PÊCHEUX, 2009, p. 260). É através da discursividade que o líder político transmite suas ideologias e os ideais de seu partido. Deste modo, sua liderança surge como produto dessa construção. Segundo Orlandi:

A discursividade (...) caracteriza-se pelo fato de que os sujeitos, em suas posições, e os sentidos, constituem-se pela sua inserção em diferentes formações discursivas. Estas se definem como aquilo que o sujeito pode e deve dizer numa situação dada em uma conjuntura dada, e refletem, no discurso, as formações ideológicas. (2012, p. 153)

De fato, os discursos marcam a imagem do político e “diz” ao público como é a sua forma de fazer política e quais causas defende, com a finalidade de conquistar adeptos e, conseqüentemente, futuros eleitores, “pois o funcionamento da linguagem são processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade, por isso discurso se define como efeito entre locutores” (ORLANDI, 2013, p. 21-23).

Porém, com a intervenção de outros atores políticos, como é o caso da mídia, o discurso pode receber influência de pontos de vista, bem como de opiniões. Ao editar vídeos, imagens e textos os veículos de comunicação podem alterar o sentido de determinado enunciado atribuindo-lhe efeito de sentido distinto do encontrado no discurso original.

Segundo Pêcheux (2006, p. 53) não existe a possibilidade de haver uma descrição pura de um acontecimento sem que haja interpretação. Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se desloca discursivamente de seu sentido original para derivar para um outro. Sob a ótica desta afirmação, o público – ao invés de acreditar que a imprensa pode ser fonte de informação – deve considerar que sua função é de, apenas, divulgar pontos de vista sobre determinado fato ou acontecimento.

Para melhor entendimento desta perspectiva, faz-se necessário retomar dois conceitos fundamentais da Análise do Discurso de linha francesa: Paráfrase e Polissemia, os quais Orlandi define como:



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014

ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo o dizer há algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado (...). (...) na polissemia o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (2013, p. 36)

Desta forma, pode-se concluir que, todo acontecimento político noticiado é uma interpretação já que o fato passa por um procedimento de edição, no caso de vídeos e imagens, e por uma reescritura, no caso de textos. Em ambos os processos, o jornalista inscreve sua memória e sua formação ideológica na matéria jornalística. Posteriormente, ao fazer a edição final da matéria o editor-chefe fará o mesmo, e quando esta informação chega ao público este fará sua interpretação. Para Pêcheux, a interpretação é um “gesto”, ou seja, é um ato no nível simbólico (PÊCHEUX apud ORLANDI 1998).

Para o filósofo, os termos mudam de sentido conforme as posições sustentadas pelos sujeitos que os empregam, deste modo, adquirem sentido em referência às suas próprias formações ideológicas. É o que Pêcheux define como *formação discursiva*,

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc) (2009, p.161).

O conceito de Pêcheux pode esclarecer a unanime de interpretação do público ao se deparar com determinadas matérias jornalísticas. Ao acreditar no mito da imparcialidade da imprensa, o público se mantém preso a determinada opinião e alheio a questionamentos.

Habermas (1984, p. 217) afirma que, a imprensa passa a ser manipulável à medida que se torna comercial, na segunda metade do século XIX. Quando a venda da parte redacional do jornal passa a se correlacionar com a venda da parte de anúncios, assim, a imprensa deixa de ser uma instituição de pessoas privadas enquanto público para torna-se instituição de determinados membros do público enquanto pessoas privadas, ficando a mercê de interesses privados.



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



Durante sua evolução, a imprensa passou de pequenas empresas artesanais, orientadas pela maximização dos lucros (o interesse do editor era puramente comercial), cuja atividade se limitava essencialmente à organização da circulação das notícias para uma imprensa de opinião (HABERMAS, 1984, p. 214). Para entender como ocorreu esta mudança tem-se uma passagem de Bücher citado por Habermas:

Os jornais passaram de meras instituições publicadoras de notícias para, além disso, serem porta-vozes e condutores da opinião pública, meios de luta da política partidária. Isso teve, para a organização interna da empresa jornalística, a consequência de que, entre a coleta de informações e a publicação de notícias, se inseriu um novo membro: a redação (1984, p. 214).

É sabido que, os veículos de comunicação seguem uma política editorial, bem como uma linha editorial, e têm seus próprios interesses, inclusive políticos. Tendo em vista que, os proprietários das principais empresas de comunicação do mundo são poderosos empresários e mantêm relações dirigentes de corporações de diversos setores, além de políticos e governantes, seja como fontes, parceiros ou, ainda, para beneficiar-se de regalias como leis e decretos. Devido a isto, “em diversos países, incluindo o Brasil, as informações veiculadas são preconceituosas, manipuladas, oriundas de uma mídia tendenciosa politicamente” (MATOS apud MATOS 2013).

Este cenário pode afetar a subida de um líder ao poder, como também abalar o mandato de um governante. No enunciado que iremos analisar neste artigo, é perceptível a tentativa de desmistificar a imagem do então presidente da Venezuela, Hugo Chávez, e de suas ideologias, através do seu discurso, o que resultaria no enfraquecimento de sua liderança como chefe de estado e da imagem daquele país perante o resto do mundo. O que traria consequências nas relações políticas, econômicas e diplomáticas junto a outras nações.

De certo modo, Hugo Chávez possuía elementos para ser notícia e para dar margem a informações tendenciosas, como será possível conferir no próximo item. Porém, será analisado “como os objetos simbólicos estão produzindo sentido no enunciado, e interferindo no real do sentido” (ORLANDI, 2013, p. 26).

O Chavismo no poder

Falecido em março de 2013, o ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez, deixou sua marca na política da América Latina e mundial, com convicções nacionalistas e contrárias a política neoliberal norte americana. Como legado, ficou um modo peculiar de se fazer política, batizado pela imprensa internacional de *Chavismo*. Com discursos marcantes, diretos e de fácil compreensão destacou-se como líder populista. Com essas características, o político obteve apoio e admiração de boa parte da população venezuelana, principalmente das massas, porém seu carisma não era unanimidade. Despertou a ira da elite e conquistou inimigos políticos no seu país e no mundo.

Jones (2007, p. 14-15) relata que após ocupar a Presidência por três anos, Chávez havia se tornado uma figura odiosa para alguns venezuelanos, que o consideravam um dirigente demagogo, responsável por destruir o país com um experimento requeitado nas águas do comunismo. É possível entender melhor este cenário a partir da citação do autor:

Para os manifestantes, Chávez dividira a Venezuela entre ricos e pobres, empurrando um país pacífico para a beira de uma guerra civil. (...) (...) Chávez significava um obstáculo, um caudillo maluco que estava incitando a luta de classes e atirando o país em um caos econômico. Mas, quando se espalharam pelos populosos bairros localizados nos morros próximos da capital rumores dando conta de que os manifestantes haviam alterado ilegalmente a rota de sua passeata no último minuto e caminhavam rumo a Miraflores, várias dezenas de simpatizantes de Chávez subiram em motocicletas e ônibus municipais para se dirigirem ao palácio. Eles prometiam defender o presidente até a morte. Para essas pessoas, Chávez era um messias (JONES, 2007, p. 14-15).

O autor (2007, p. 14-15) relata ainda que, para esse grupo de venezuelanos, Chávez era o primeiro presidente da história a levantar-se em defesa dos milhões de pobres que formavam a maior parte da população do país. Desta forma, ao vencer as eleições presidenciais, de 1998, numa vitória esmagadora, Chávez tornou-se líder do recente processo revolucionário venezuelano.

Segundo Harnecker (2002, p. 11), o ex-presidente não se definia como marxista, mas sim como revolucionário e bolivariano. Acreditava que só uma profunda transformação econômico-social poderia tirar a Venezuela da crise que se arrastava há décadas. A ideologia bolivariana inspirava-se nos ideais de Simon Bolívar e faz referência à concepção de justiça social, desta forma o que está em questão são os interesses dos diversos povos da América Latina e do mundo.

Sabedor de que não há processo revolucionário sem povo organizado e consciente, Chávez desempenhava um papel ativo na construção da nova sociedade venezuelana que surgia. Dedicava parte significativa do seu tempo para educar o povo, através do contato direto com seus seguidores, dos seus discursos e do programa, semanal radiotelevisado *Alô, Presidente!* (HARNECKER, 2002, p. 11-12).

Hugo Chávez ganhou notoriedade, passando a ser identificado como defensor da independência nacional e dos interesses dos pobres, em 1992, quando era coronel e comandou uma tentativa frustrada de golpe de Estado contra o então presidente Carlos Andrés Pérez. O acontecimento resultou na prisão de todos os envolvidos, inclusive Chávez que passou dois anos detido.

O carisma com os menos favorecidos, fez com que Chávez vencesse as eleições presidenciais da Venezuela de 1998 com 56,20% dos votos, mesmo sem apoio da elite, da mídia e, até mesmo, sem pertencer a um partido tradicional. O que surpreendeu a oposição, causando desconfiança no resultado, porém o Centro Carter confirmou a regularidade do pleito (HARNECKER 2002, p. 57).

No dia 2 de fevereiro de 1999, quase sete anos depois da tentativa mal sucedida de golpe militar, Hugo Chávez assumiu a presidência com objetivos imediatos: seria redigida uma nova constituição e a Força Armada seria integrada à vida econômica e social do país, por meio de um programa batizado de Plano Bolívar 2000 (GOTT 2004, p. 199).

Desta forma, surgia uma nova ordem social e um novo Estado. Inicia-se com a moralização da gestão do palácio do governo, já que, são descobertos diversos tipos de crimes de corrupção envolvendo a gestão anterior (HARNECKER 2002, p. 57).

De acordo com Gott (2004, p. 200), em seu primeiro discurso, o novo presidente anunciou que assinaria um decreto para um plebiscito nacional, em que o povo decidisse se haveria eleições para convocar uma assembleia nacional constituinte, que redigisse uma nova constituição. Naquele ano, foram realizadas 200 eleições e os assessores de campanha de Chávez tiveram êxito em cada uma delas.

A nova Constituição reforçou os poderes do presidente e aumentou o mandato, de cinco para seis anos, com direito a reeleição. Devido a essas mudanças, após alguns meses no poder, começaram a aparecer livros contra Chavéz, cujos autores pertenciam à intelectualidade opositora. Na tentativa de qualifica-lo como tirano e convencer a opinião pública de que Chávez era um ditador. O ex-presidente submeteu-se novamente a eleições no ano 2000, sendo reeleito com 60% dos votos. (HARNECKER 2002, p. 58).

Adotando uma política de esquerda, Chavéz entrou em choque com setores conservadores, resultando em três paralisações nacionais, entre 2001 e 2002, e uma tentativa de golpe, em 2002, que chegou a afastá-lo. Porém, com a mobilização de setores das Forças Armadas e das camadas mais pobres da população, o então presidente retornou ao poder. Em 2004, aconteceu um referendo, forçado pela oposição, para decidir se Chavéz deveria continuar na presidência. O resultado mostrou que quase 60% dos eleitores aprovavam sua permanência (GOTT 2004, p. 208).

Durante a Era Chavéz algumas ações modificaram significativamente a sociedade venezuelana. As principais foram a realização da reforma agrária e a estatização dos setores considerados estratégicos pelo governo, como de telecomunicações, energia elétrica e indústrias básicas de minerais. Além disso, o então presidente anunciou a ampliação dos Conselhos Comunais, organizações similares a associações de bairro, que futuramente poderão substituir as prefeituras.

Entretanto, para Gott (2004, p. 213), o grande desafio do governo Chavéz estava na reorganização do setor petrolífero, pois a Venezuela detém a segunda maior reserva de petróleo do mundo e a economia do país baseia-se na exploração e comercialização do fósfil, tendo cerca de um terço de seu PIB e 90% de suas receitas com exportações. Desta forma, para proteger este setor estratégico o ex-presidente restringiu a participação de multinacionais na exploração de petróleo e autorizou o regime de cogestão entre o Estado e funcionários para reerguer empresas falidas.

Durante anos, a companhia petrolífera estatal da Venezuela – Participação de Petróleos da Venezuela (PDVSA) – fora administrada como uma empresa corporativista, um estado dentro do Estado, um vasto conglomerado que distribuía favores e sinecuras. Enquanto Ministro das Finanças do governo Chavéz, a primeira tarefa de Rodríguez Araque foi restabelecer a primazia do ministério sobre a estatal (GOTT, 2004, p. 216).



Segundo o autor (2004, p. 217), a Venezuela de Chávez modificou a política em relação à Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), da qual faz parte. O país adquirira má reputação entre os demais membros durante a década de 1990 devido os governos anteriores terem tentado um jogo isolado. Quase todos haviam abandonado a Opep, ignorando as quotas decididas e buscando elevar a produção, atraindo companhias estrangeiras para explorar novos campos de petróleo.

O governo de Chávez tinha uma estratégia diferente e bem definida. Rodríguez Araque ordenou uma mudança de direção, insistindo na redução dos investimentos da Pdvsa. Estava decidido a colaborar com a Opep e a trabalhar em prol de um preço estável para o petróleo. Para isto, dialogou com os países da organização, procurando também garantir a cooperação dos países produtores da América Latina. O México, que não é membro da Opep e compete com a Venezuela no lucrativo mercado norte americano, decidiu frear os aumentos de produção que havia previsto (GOTT, 2004, p. 217-218).

Após uma reunião da Opep em março de 1999, a Venezuela reduziu suas exportações em 4%, situando-as em 2,72 milhões de barris diários, anunciando que havia a previsão de novos cortes, tanto na produção quanto na exploração. No final daquele ano, a Venezuela considerou que os preços haviam alcançado um nível suficientemente elevado (Gott, 2004, 218). A queda do preço do petróleo no mercado internacional causou problemas econômicos para a Venezuela, afetando diretamente os programas sociais de Chávez.

Grande parte do petróleo da Venezuela provém do lago de Maracaibo, um grande reservatório de água, entre os Andes e o mar do Caribe, que vem sendo explorado desde os anos de 1920. Atualmente, constitui uma catástrofe ecológica sem solução. Durante décadas, seu patrimônio histórico foi sugado pelas grandes companhias petrolíferas estadunidenses e europeias (GOTT, 2004, p. 213).

Segundo o autor (2004, p. 219), mesmo com um discurso anti-Estados Unidos, a Venezuela mantém uma relação de dependência com o país, seu principal exportador de petróleo. Porém, em um período de 10 anos houve uma queda no volume das exportações significativa, de 16,1%, em 1998, para 9,1%, em 2009. Por isso, Chávez buscava novos países para escoar sua produção.

Antes de sair de cena o ex-presidente, conseguiu aprovar através de um referendo a reeleição presidencial por tempo indefinido, no ano de 2009. A morte de Hugo Chávez, em março de 2013, ampliou a instabilidade política na Venezuela, resultando em uma profunda crise política, econômica e social que perdura até hoje. O que demonstra sua habilidade como líder, pois enquanto esteve no poder conseguiu administrar o

país e conter as tensões da sociedade venezuelana. Porém, o seu modo de liderança foi alvo de críticas por parte de governantes de outras nações, como será possível perceber a seguir.

Análise do enunciado

Após ser acusado pelo presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama, de exportar terrorismo para o resto do mundo e apoiar as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), no dia 22 de março de 2009, Chávez utilizou o programa semanal *Fala, Presidente!* transmitido em todo território venezuelano, para se defender:

(...) Quem exporta terrorismo há quase 200 anos chama-se Império Norte Americano (...). Agora Obama vem me acusar, dizendo que exporto terrorismo? Só posso dizer: pobre ignorante, que estude, que leia um pouco para que aprenda qual a realidade da América Latina e do mundo (YOUTUBE.COM)².

Em poucos minutos veículos de comunicação de diversas partes do mundo destacavam a seguinte manchete: *Hugo Chávez chama Obama de pobre ignorante*, apesar do ex-líder venezuelano ter proferido um longo discurso, em que abordou também outros assuntos. Ao editar o discurso de Chávez e enfatizar este enunciado, para assim destacar a notícia, com o intuito de conquistar mais audiência, tem-se uma alteração no sentido e na significação.

Fora do contexto original, o enunciado pode significar, inclusive, uma ofensa gratuita a Obama. Pois, segundo o Dicionário Michaelis, a palavra pobre pode ser empregada no sentido de desprovido de riqueza, pouco produtivo, desprotegido, digno de compaixão e infeliz. Já a expressão ignorante diz respeito a pessoa que não tem instrução; inculto, iletrado ou, ainda, que não tem conhecimento de determinada coisa.

Naquele ano, recém-eleito e primeiro presidente americano negro, o político havia conquistado a admiração de cidadãos de diversas partes do mundo, assim como da imprensa e de líderes de outras nações devido ao seu carisma, discurso otimista e história de vida. Com o fim do governo mal sucedido de George

² Trecho traduzido do espanhol para o português pela autora.

W. Bush, envolto em guerras, o novo presidente representava esperança, não somente para os Estados Unidos, mas também para o resto do mundo. Tanto que o *Slogan* de sua campanha “Sim, nós podemos”³ correu o mundo.

Hugo Chávez utilizava o programa *Fala, Presidente!*, semanalmente, para discursar sobre suas ideologias e projetos de governo aos cidadãos venezuelanos, o que servia de fonte para a imprensa daquele país e internacional. Como não era dotado de polidez, muitos desses discursos viravam acontecimento, como é o caso do enunciado analisado neste artigo.

Isso porque os veículos selecionam os assuntos políticos que viram manchetes e, conseqüentemente, entrarão nos ciclos de discussão do público. Porém, ao se deparar com a gama de informações veiculadas pela imprensa, todos os dias, os indivíduos não percebem que estas notícias foram selecionadas dentre outras.

Para melhor entender o efeito de sentido deste enunciado, faz-se necessário retomar, novamente, o conceito de paráfrase. Para Orlandi (2013, p. 36), a paráfrase é a ilusão da existência de um único sentido para um dizer e mantém o sujeito, neste caso o público, em um retorno constante a um mesmo espaço do dizível, ou seja, a uma única região do interdiscurso e do já dito.

Considerações finais

No período em que presidiu a Venezuela, Hugo Chávez constantemente estava sob os holofotes da mídia, principalmente, devido ao seu discurso contrário a política imperialista norte americana e por seu passado de militar. Porém, pode-se fazer o seguinte questionamento: ao escolher o ex-presidente como personagem de determinada matéria, a imprensa tinha como objetivo criticar sua postura e suas ideologias ou utilizava-se de seus discursos para sustentar seus próprios discursos e, assim, transmitir suas ideologias?

É sabido que, economicamente, o mundo é mais inclinado para os Estados Unidos e para a Europa que para a Venezuela, sendo assim, interesse em fortalecer a imagem de quem detém maior poder político e econômico existe. A imagem que o mundo tinha do ex-presidente, também, interfere na interpretação do enunciado analisado. Michel Pêcheux diz que, “não existe discurso sem sujeito e, da mesma forma, não existe

³ Frase original em inglês: Yes, we can.



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (2009, p. 17).

Referências

- JONES, Bart. **Hugo Chávez: da origem simples ao ideário da revolução permanente**. São Paulo: Novo Conceito, 2008.
- GADET, Françoise. HAK, Tony, Org. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
- GLOBO UNIVERSIDADE, Portal. **Eni Orlandi fala sobre análise do discurso e linguagem em entrevista**. Disponível em <http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/11/eni-orlandi-fala-sobre-analise-do-discurso-e-linguagem-em-entrevista.html>, em 29/07/2014, às 18h15.
- GOTT, Richard. **A sombra do libertador: Hugo Chávez Frías e a transformação da Venezuela**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- HABERMAS, Jürgen. **A mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HARNECKER, Marta. **Um Homem, um povo: entrevista concedida por Hugo Chávez Frías a Marta Harnecker**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- YOUTUBE.COM. Hugo Chávez: Obama je hlupák! Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QpfylCE9eyk>, em 15/08/2014.
- MATOS, Carolina. **Mídia e política na América Latina: globalização, democracia e identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- MICHAELIS, Dicionário on line. Disponível em www.michaelis.uol.com.br, em 15/08/2014, às 13h45.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.
- ORLANDI, Eni. **Discurso em análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.